

# BC se mantém impassível diante da alta

AP - Hong Kong, 21/9/1997

CLAUDIA SAFATLE

BRASÍLIA – O Banco Central vai aguardar “friamente” o desenrolar do mercado de câmbio antes de decidir quando entrará intervindo, garantiu uma fonte da instituição. A mesma expressão entre aspas foi usada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em conversa com assessores, ontem. O governo não cogita de voltar ao regime de bandas cambiais. Sabe que o câmbio está sobrevalorizado e que, embora seja muito difícil estabelecer exatamente qual é a taxa de equilíbrio, não será a cotação de ontem, de R\$ 1,71 o dólar.

Uma desvalorização de 15% a 20% – ou uma cotação de R\$ 1,55 – é bastante suficiente para frear as importações, estimular as exportações e, portanto, dar uma boa redução – com equilíbrio na balança comercial – no déficit em transações correntes. O déficit externo, que fechou 1998 em US\$ 34,9 bilhões, tem que cair para a casa dos US\$ 26 bilhões ou menos este ano. As importações, hoje, estão totalmente travadas e as exportações, no entanto, também estão. Não há quem queira fechar contratos agora.

O mercado de câmbio está secando. Há, em mãos do sistema bancário, não mais do que US\$ 600 milhões em posições compradas. Com pouquíssima oferta de dólares, o preço explode. E os operadores aguardam uma intervenção do BC a qualquer momento. Como o BC não vende dólares desde a última sexta-feira, não está havendo perda de reservas cambiais.

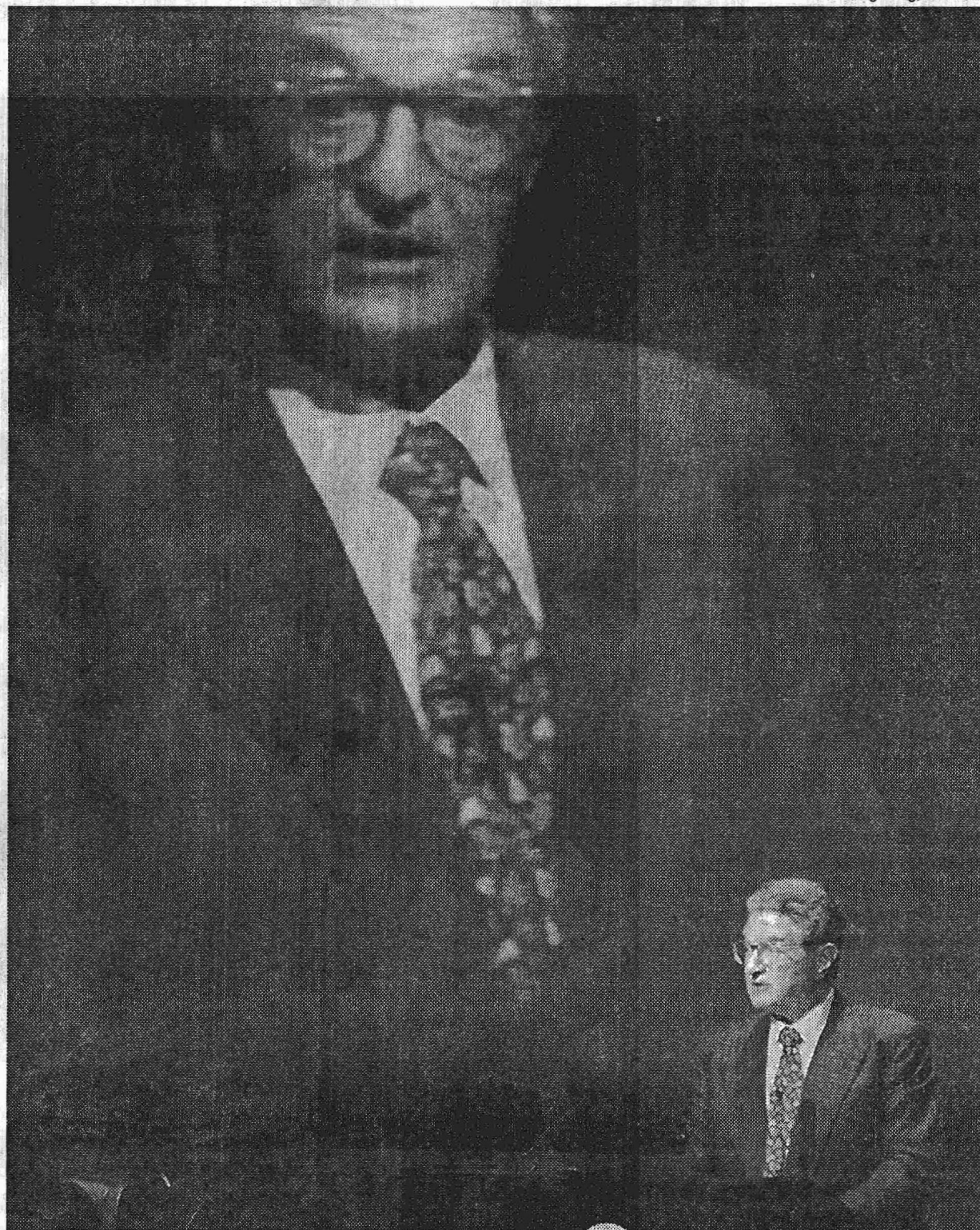
No Palácio do Planalto, chegaram ontem os mais diversos boatos: que o país instituiria o sistema de *currency board*; que o governo está preparando um novo plano econômico, que vai privatizar a Petrobras e Banco do Brasil. E mais e mais rumores sobre

a queda do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do presidente do BC, Francisco Lopes. Este sequer foi sabatinado pelo Senado e é, ainda, presidente interino. A presidência desmentiu todos. Assessores do palácio deixaram claro ainda que “a cabeça de Pedro Malan o presidente Fernando Henrique Cardoso não entrega”.

Qual a racionalidade disso tudo? O BC diz que o mercado está testando e quer saber qual é a banda cambial que a autoridade monetária tem em mente. E insiste que vai aguardar os acontecimentos. O mercado, por sua vez, atribui todo esse *imbroglio* a “um jogo de expectativas” e pede um “choque de expectativas” para ficar mais calmo.

As votações das medidas do ajuste fiscal pelo Congresso são vitais nesse jogo, mas não suficientes. É preciso ficar claro que a combinação da desvalorização cambial com a elevação das taxas de juros não está comendo todo o esforço fiscal deste ano. Um cálculo feito pelo economista Raul Velloso indica que para compensar uma desvalorização do real de 40%, do ponto de vista das contas públicas, seria necessário uma queda de oito pontos percentuais na taxa de juros. Portanto, a questão fiscal ainda não está comprometida.

O outro componente das expectativas, além desse elemento fiscal, é o da credibilidade. Um diretor de um banco de investimento explica o que estaria na cabeça dos agentes econômicos agora: “como ter confiança num motorista que já bateu todos os carros?”. Os motoristas seriam o ministro da Fazenda e o presidente do BC. Malan, por ter defendido tantos anos a política cambial anterior, e Lopes, porque teria sido “contaminado” pelo tempo que ficou ao lado dos que defenderam o regime de minibandas com sobrevalorização cambial.



Soros prevê uma grave recessão no Brasil, a menos que as taxas de juros diminuam e a confiança retorne